Produzir

RISCO DE DEFASAGEM TECNOLÓGICA



Gustavo Diniz Junqueira*

OS FATORES responsáveis pelo sucesso relacionado aos ganhos de produtividade do agronegócio brasileiro nas últimas décadas não vão assegurar a competitividade do setor no futuro.

Se, na esfera mercadológica, o quadro global é acirrado, no âmbito do cenário produtivo, a disputa também não está ganha.

Inovações tecnológicas promovidas pelos nossos concorrentes de clima temperado podem diminuir nossas vantagens comparativas e competitivas, comprometendo os resultados do agronegócio.

Uma eventual defasagem tecnológica fará com que países que antes não ofereciam riscos passem a oferecer.

A competição agrícola internacional é dinâmica, e o Brasil tem que investir cada vez mais em Ciências Agrárias para que os concorrentes não revertam a situação. É imprescindível permanecer avançando no desenvolvimento de tecnologias para a agricultura tropical.

O investimento em pesquisa e desenvolvimento (P&D) é estratégico e deve ser contínuo, especialmente num mundo pressionado por mudanças climáticas, pelo surgimento de novas pragas e pela necessidade de se fazer cada vez mais com menos recursos naturais e produtivos – leia-se financeiros.

Com a explosão do "Custo Brasil", nosso custo agrícola está ficando superior ao dos nossos concorrentes. Hoje, o gasto em P&D em Ciências Agrárias no Brasil é de 1,2% a 1,4% do PIB. Os países desenvolvidos aplicam o dobro.

Planejamento

A necessidade de intensificação da produção agropecuária, devido à pressão por maximização da eficiência produtiva, exigirá uso crescente de todo tipo de tecnologia.

É imprescindível construir uma estrutura de governança e gestão para a pesquisa em Ciências Agrárias no País.

Iniciativas como a Plataforma Tecnológica (interministerial) e a estratégia de coordenação do Agropensa da Embrapa apontam nessa direção.

As decisões relacionadas à Pesquisa têm que ser guiadas por um planejamento voltado às cadeias produtivas em que somos mais eficientes, com a alocação de recursos em torno de projetos que têm mais potencial para gerar resultados.

O orçamento tem que estar atrelado às prioridades. Esse é o ponto, porque o cobertor é curto, haja vista que sempre existirá o risco de contingenciamento dos recursos.

Extensão rural

Além da inovação, a transferência de tecnologia ao campo, por meio da assistência técnica e da extensão rural, também merece atenção, planejamento e especialização.

A extensão rural é imprescindível para levar a inovação tecnológica para o campo, mas esse não deve ser o papel da Embrapa. O SENAR está desenvolvendo novos conceitos nessa direção.

Extensão rural exige foco; se não, é desperdício. É preciso identificar quais produtores/regiões têm potencial para esta ou aquela atividade agropecuária e, assim, direcionar a pesquisa e a transferência de tecnologia.

O governo federal criou, em 2013, a Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater), nova versão da antiga Embrater, mas, até agora, o órgão não deslanchou.

Universidades

Outro ponto importante é que as instituições públicas de pesquisa precisam fortalecer o relacionamento com a iniciativa privada.

As universidades devem trabalhar em rede, a fim de "desencastelar" o conhecimento gerado por elas, fazendo com que este conteúdo chegue ao campo. A Academia brasileira também precisa de mais intercâmbio com instituições internacionais.

A inovação no agronegócio tem que estar focada no seguinte tripé: o que o consumidor quer, o que a tecnologia oferece, e o que a fazenda pode produzir.

Ressalta-se, ainda, que o desenvolvimento tecnológico terá que ser orientado cada vez mais por atributos ligados à proteção ambiental, à sanidade dos alimentos, ao respeito social, entre outras exigências demandadas pela sociedade. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)